

CAPÍTULO 5

O VALOR DO DIALOGISMO E DO DIÁLOGO PARA O DESENVOLVIMENTO DO SER HUMANO: UMA BREVE REFLEXÃO



<https://doi.org/10.22533/at.ed.801142509055>

Data de aceite: 10/07/2025

Maria Lucileide Mota Lima

Doutora em Educação Pela UFBA,
professora do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
– IFBA

RESUMO: Este artigo tem como problemática principal refletir sobre o dialogismo, o diálogo, e, sobre a importância dos mesmos para o desenvolvimento humano e para a educação. Trata também, da percepção atual de desenvolvimento humano voltado apenas para os aspectos técnico/financeiro/consumista, considerando o quanto essa visão causou de degradação dos valores e das relações humanas por obedecer a uma razão instrumental e monológica que não comprehende a condição humana. Tomo como base teórica pressupostos de Bakhtin (2004), Bohm (1996), Freire (1996) Brait (1997) entre outros. Considero que, tanto a reflexão sobre dialogismo e o diálogo, quanto à vivência dos mesmos como práxis pedagógica, podem contribuir para a compreensão do caráter polifônico, interacional, dialógico do ser

humano e de suas construções/saberes/fazeres. Essa compreensão poderá, ainda, possibilitar um desenvolvimento integral, transdisciplinar do ser humano e contribuir para a formação de pessoas mais reflexivas, críticas, autoconscientes, éticas e conscientes da condição de interrelação e interdependência entre os seres humanos.

PALAVRAS CHAVE: dialogismo, diálogo, desenvolvimento humano, educação.

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos[...].

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

A evolução da humanidade é marcada por crises/tensões/relações sócio-culturais e histórias que determinam

o sentido de cada etapa desse processo evolutivo. Na atual fase de globalização, as estruturas humanas, bem como os signos que a representam, vêm passando por transformações rápidas, irrefletidas, fazendo uso de instrumentos de alienação e padronização de comportamento que marcam uma grave crise nas relações humanas, tanto no aspecto pessoal, interpessoal, quanto social. O esquecimento dos valores humanos arcaicos/ fundantes (a exemplo das virtudes cardeais de Platão: prudência, fortaleza, justiça, amizade) e a falta de referências éticas aumentam a desigualdade social, o desequilíbrio das relações e o vazio existencial dos indivíduos.

A desagregação dos valores – e aqui lembro do alerta de Nietzsche (1987) - o distanciamento do ser humano dele mesmo, dos outros e da natureza direcionam os seres humanos para a supervalorização do individualismo e da competitividade irracional e desumana imposta pelo capitalismo selvagem. Este contexto contribui para o fortalecimento e a manutenção dos paradigmas de produção/consumo implantados pelo sistema econômico dominante.

O desenvolvimento humano é medido pelo nível tecnológico, de produção e consumo. O ser humano foi reduzido apenas ao seu aspecto técnico/material/financeiro e a grande maioria das instituições está direcionada apenas para atender a este aspecto, inclusive a educação. Pesquisadores, educadores e estudiosos de várias áreas de conhecimento estão, há muito tempo, alertando a sociedade para a gravidade desta situação da humanidade. Muitos profissionais dedicam-se a apresentar estudos e propostas que possibilitem um desenvolvimento humano mais integral, por isso investem especialmente na educação. Isso porque, podemos considerar a educação como um dos principais “instrumentos/ veículos” capaz de possibilitar uma radical transformação na forma de pensar e de fazer/ construir o desenvolvimento humano. Os educadores/pensadores/filósofos/pesquisadores chamam a atenção da sociedade e das instituições de poder que determinam as políticas públicas para a necessidade de mudanças nas estruturas e nas políticas educacionais.

Neste artigo, pretendo apresentar uma breve reflexão baseada em estudos de Bakhtin (2004), Bohm (1996), Freire (1996) e Soares (2002a e 2002b), entre outros, sobre o dialogismo e o diálogo. Refletindo sobre, quanto o dialogismo e o diálogo devidamente compreendidos e vivenciados como práxis pedagógica, podem contribuir para a educação e para o desenvolvimento e a formação transdisciplinar do ser humano.

A LINGUAGEM E O DESENVOLVIMENTO HUMANO

A linguagem, enquanto forma de expressão/manifestação/representação corporal, oral, escrita, cultural, simbólica, estética, subjetiva, objetiva, interior, exterior, cognitiva, emotiva, artística [...] revela e vela (em determinadas circunstâncias), constrói e desconstrói o sentido, o significado dos signos do ser humano e da sua realidade sócio-cultural, educacional, histórica, econômica e religiosa.

Para Bakthin (2004) a linguagem é ideológica e se constrói com/nas interações do ser humano com o contexto social e histórico no qual está inserido. A linguagem está carregada da “consciência social”, das relações semióticas e das tensões sócio-históricas e culturais das quais os signos são indícios/espelhos. A linguagem, além de ideológica, é, pois, dinâmica, dialética, dialógica, social e histórica. Ela, assim como seus signos, é viva, processual e influencia direta e indiretamente a forma de pensar, de sentir e de agir do indivíduo. Desta forma, a linguagem pode alienar ou desalienar e conscientizar o ser humano de sua condição real no momento histórico no qual vive. Este poder da linguagem justifica a importância de sua análise para o desenvolvimento humano.

A velocidade com que todas as experiências/pesquisas/descobertas são comunicadas, transportadas e globalizadas aumenta o risco do uso da linguagem como agente alienador e condutor de mega-estruturas “globalizantes” que não respeitam as diferenças locais e pretendem reproduzir determinados padrões culturais, sociais e econômicos para os mais diversos grupos sociais. Entretanto, este mesmo aspecto, se reconhecido em seu caráter dialógico, e utilizado como instrumento de reflexão e crítica, poderá ser desalienador e “veículo” para transformações. A questão é que, para compreender essas duas vertentes da linguagem e da comunicação, faz-se necessário que o indivíduo tenha uma educação que se preocupe em ajudá-lo a perceber/duvidar/reconhecer/questionar/analisar/criticar e, a saber, lidar com os jogos da linguagem e das ideologias que ela carrega.

A percepção das vicissitudes da linguagem e a conscientização do seu poder sobre cada indivíduo poderá ocorrer a partir da compreensão do caráter interacional da linguagem e seus múltiplos significados e sentidos. Esse processo de compreensão passa pelo processo de aprender a dialogar com o seu “próprio” ser (inclusive com a sua linguagem e seu discurso) e a perceber em seu discurso os jogos, as influências ideológicas, sociais, culturais, religiosos..., as intenções, as contradições, os jogos de convencimento, de justificação, entre tantas outras articulações discursivas que o ser humano faz, às vezes, de forma condicionada e inconsciente. A partir desse processo dialógico, o indivíduo terá a possibilidade de compreender a linguagem e suas metas-estrutura e, assim, será mais fácil aprender a se relacionar com ela.

A linguagem, então, não pode ser reduzida a uma só forma ou regra. Ela abrange, participa, interage, influencia e sofre a influência das formas de pensar, de sentir, de agir, de existir e de se relacionar do ser humano, ao longo da sua história. Jakobson, prefaciando a obra Marxismo e filosofia da linguagem, ressalva que, para Bakhtin, as estruturas da linguagem permeiam as interações humanas e podem ser um dos seus instrumentos de mudança e de transformação social. Nas palavras desse autor:

Segundo Bakhtin na estrutura da linguagem, todas as noções substanciais formam um sistema inabalável, construindo pares indissolúveis e solidários: o reconhecimento e a compreensão, a cognição e a troca, o diálogo e o monólogo, sejam eles enunciados ou internos, a interlocução entre o destinador e o destinatário, todo signo provido de significação e toda significação associada

ao signo, a identidade e a variabilidade e o particular, o social e o individual, a coesão e a divisibilidade, a enunciação e o enunciado. (JAKOBSON, 2004, p. 10)

Para Bakhtin, segundo esse autor, a linguagem é um construto de inter-relações, significações, jogos, tensões individuais e coletivas que demonstram o caráter uno e plural do ser humano em seu contexto sócio-cultural. Neste texto, pretendo refletir apenas sobre um dos componentes dessa complexa composição da linguagem: seu aspecto dialógico.

A linguagem como forma de expressão oral, corporal e escrita é dialógica, ou seja, é composta por uma interação de vozes que cada ser humano incorpora e interioriza de suas vivências e relações familiares, sociais, culturais, educacionais, ideológicas... no decorrer de seu processo de desenvolvimento. Considerando esse caráter interacional e polifônico da linguagem, devemos considerar que o discurso é, também, resultado de teias polifônicas e de interações dialógicas. Assim, por mais inovadora que seja uma determinada posição/criação (oral, escrita, técnica...) ela é fruto de um construto das relações que seu criador aprendeu, incorporou, significou, interpretou. Compreendo que este caráter dialógico da linguagem e das demais criações humanas demonstra a condição de inter-relação, interdependência, co-participação e co-responsabilidade dos seres humanos na construção/desconstrução do desenvolvimento da humanidade.

Para o processo educativo, o estudo da linguagem poderá contribuir para a compreensão da diversidade e da complexidade da condição humana e possibilitar práticas pedagógicas que respeitem as diferenças e contribuam para a formação de seres humanos mais críticos, reflexivos, dialógicos e éticos.

O DIÁLOGO: UMA BREVE REFLEXÃO

O diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens. O amor é ao mesmo tempo o fundamento do diálogo e o próprio diálogo. Este deve necessariamente unir sujeitos responsáveis e não pode existir numa relação de dominação [...] O diálogo, como encontro dos homens que têm por tarefa aprender e atuar[...].

PAULO FREIRE.

Na minha compreensão, tanto para Soares (2002a), Freire (1996) e Bohm (1996), entre outros, como para Sócrates (1987), o exercício do diálogo representa uma possibilidade para o ser humano aprender a ser “Ser humano”. Este aprendizado depende de uma escolha interior de abertura do indivíduo para aprender, através da vivência/prática diária do diálogo consigo, com o outro e com a vida, no permanente processo da busca/construção da autoconsciência e da consciência de ser parte integrante da humanidade. Este processo de autoconsciência e diálogo também ocorre no acontecer da existência

do indivíduo com as suas relações objetivas, subjetivas e intersubjetivas, com seu mundo interior, exterior, com a linguagem/discurso, com os outros seres humanos, com a vida e seus mistérios, com a natureza e com a essência cósmica criadora.

A respeito da etimologia da palavra “diálogo”, Soares, referindo-se à compreensão do físico Bohm, afirma:

Assim, o diálogo, originário do grego “díade” (através de) + *Logos* (verbo, palavra, discurso que consagra um desvelamento, um significado), é aqui compreendido como o significado que se move através da linguagem (linguagem verbal, gestual, silencioso, visual, auditiva, emotiva, afetiva, sexual etc.). (SOARES 2002a, p. 128).

A própria etimologia da palavra diálogo já pressupõe o seu poder de investigação do objeto tratado (sobre o qual se dialoga). O termo sugere um desvelamento (uma manifestação do que estava velado, um descobrimento do real) do significado de todas as peculiaridades, expressões, potencialidades do ser humano - e/ou da questão tratada - inclusive as do seu mundo interior. Para essa educadora: “[...] dialogar é des-cobrir e penetrar a espacialidade da beleza e da grandeza da mansão interior existencial da afetividade.” (SOARES 2002a, p.133). Assim, aprender a dialogar poderá possibilitar uma nova forma de relação entre os indivíduos: uma relação humanizada, ética, afetiva e solidária.

Esta possibilidade atribuída ao aprendizado e à prática do diálogo de gerar uma nova forma de relação humana, se deve ao fato de o diálogo representar, segundo Freire:

Uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso o diálogo comunica. E quando o dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só ai há comunicação”. (FREIRE, 1996, p. 115)

Freire a partir do diálogo com Jaspers, afirma que o diálogo, é o caminho indispensável a ser percorrido pelo ser humano e contribui para o conhecimento, a significação, a formação (criação e recriação) e ordenação de todos os sentidos do ser humano e de sua existência nas instâncias política, social, cultural, histórica e coletiva.

Tanto Freire (1996) quanto Soares (2002^a e 2002b), consideram a humildade e o amor como atitudes imprescindíveis para a vivência do diálogo: “O diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens [...] O diálogo não pode existir sem humildade”. (SOARES, 2002a, p. 130). Compartilho com esses pressupostos e ressalto que a humildade e o amor são básicos para o exercício do diálogo, já que esse aprendizado requer abertura para investigar, para ouvir, para validar e para compartilhar significados e sentidos. Pressupondo, portanto, a vivência de um processo comunicativo horizontal. Aqui está o aspecto que dar ao diálogo um caráter, ou, um poder revolucionário “construir relações horizontais”. Por isso, segundo Freire (1996), o diálogo deve ser um dos pilares para a formação de sujeitos participantes, criadores e/ou re-criadores de si mesmos e da sua realidade.

O compartilhamento de significados só é possível quando o indivíduo tem consciência de que as suas “verdades, crenças e opiniões pessoais” além de serem resultantes das suas interações com o(s) outro(s) e o contexto social, cultural e histórico, constituem apenas uma entre as diversas formas de compreender e de interpretar uma determinada realidade. Assim, as opiniões e crenças de uma pessoa não são “verdades absolutas” e ou “exclusivamente suas”. A interpretação/compreensão do outro, na vivência do diálogo, deve ser recebida, validade e respeitada como uma contribuição para o aprendizado de todos os participantes do diálogo.

Só com humildade, amorosidade, exercício, esforço, coragem (ação do coração), respeito por si mesmo, pelo outro e força de vontade, o indivíduo poderá sair ou distanciarse da “programação psicológica”¹, do seu eu pessoal, para calar, ouvir, suspender seus pré-conceitos e julgamentos, aceitar e respeitar o outro na sua forma singular de ver, interpretar e expressar o seu entendimento dos fatos, do mundo, da vida e com ele dialogar.

O exercício do diálogo, tanto do indivíduo com ele mesmo, quanto como um meio de comunicação em grupo, exige, pois, o aprendizado do respeito, da compreensão, do reconhecimento e da valorização da diferença, da abertura para escutar a si mesmo e ao outro e, assim, estabelecer relações humanas éticas, conscientes e harmoniosas. Este exercício de aprender a dialogar, a ser humilde e a amar, pode inaugurar uma nova forma de relação entre os seres humanos.

Portanto, ao possibilitar o aprendizado do calar, ouvir e respeitar as diferenças, o diálogo permite ao ser humano não apenas vivenciar uma nova forma de con-viver em grupo. Possibilita também, uma relação entre seres humanos autoconscientes e, portanto, conscientes das diferenças e similitudes existentes entre os seres humanos. Esta consciência de si e do outro, conquistada com a prática do diálogo, pode fazer surgir relações éticas, de comunhão, respeito, afeto, integração e participação entre os seres humanos.

O diálogo é, pois, um meio de aprimorar a comunicação e a relação humana. É, também, um instrumento para o ser humano aprender a autoconhecer-se, a comunicar-se e a expressar/posicionar-se sobre o que pensa e sente, bem como possibilita o aprender sobre a alteridade e, assim, aprender a respeitar, escutar, valorizar e compreender o pensamento, o sentimento e a interpretação do outro. Nesse aprendizado, o sujeito percebe que suas falas, pensamentos, conceitos, pré-conceitos, crenças e ideologias são, na realidade, um conjunto polifônico de outras falas por ele internalizadas e significadas ou re-significadas, mas que têm bases/referências arquetípicas, ancestrais comuns a

¹ “Programação psicológica consiste numa estrutura coletiva e ancestral que condiciona o ser humano, tornando-o ‘auto-ignorante de si mesmo’ que também não sabe ‘ver e ouvir o outro como outro’ e gera seres humanos e relações humanas ‘doentes’”. De acordo com a autora, a programação psicológica: “[...] submete-escraviza o ser humano ao vício de uma existência movida por atitudes reativas, motivadas pelo condicionamento do preconceito, da alienação, da ânsia de poder, da inveja-ciúme, da comparação, da competição, da projeção do vir-a-ser, da exigência de se obter logro nas relações com o outro, na vaidade-soberba ontológica alicerçada na ilusão da separatividade humana.” (SOARES, 2002b, p.1).

outros seres humanos. Esta compreensão poderá ser uma abertura para a reflexão sobre o egoísmo e o sentimento de separatividade e uma porta para o estabelecimento de relações de reconhecimento, respeito e validação as diferenças, cuidado e valorização do outro, enquanto outrem e não como instrumento, objeto de desejo e realização pessoal.

O exercício do diálogo honesto e radical do indivíduo com ele mesmo; a escuta atenta dos próprios discursos mais íntimos – “o fluxo do discurso interior /.../ os discursos mais íntimos são também de parte a parte dialógicos”. (BAKHTIN, apud DAHLET, 1997, p. 67) e os diálogos com o(s) outro(s) levam a uma atitude de abertura, a uma consciência de ser no grupo, sem perder a individualidade. Este exercício do diálogo possibilita a percepção das diferenças individuais como expressão de diversidade e como um elemento enriquecedor das relações, que poderá desenvolver no ser humano um sentido participativo do ser.

A INTER-RELAÇÃO ENTRE O DIALOGISMO E O DIALOGO

A interatividade faz parte da condição humana. Bakhtin (2004) demonstra a sua compreensão desta peculiaridade da condição humana em sua reflexão sobre o caráter sócio- cultural, histórico e dialógico da linguagem. Para ele, o “dialogismo” é uma possibilidade de reconhecimento deste aspecto e base de ações constitutivas para a formação de uma nova condição individual, grupal e social do ser humano. Para Beth Brait o dialogismo de Bakhtin significa:

Por um lado, o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva a linguagem. Por outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelo sujeito, que por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos. (BRAIT 1997, p. 98).

O dialogismo é o modo de funcionamento da linguagem, um princípio constitutivo da natureza interdiscursiva da linguagem, assim, ele acontece entre discursos. O diálogo, como uma manifestação do dialogismo acontece entre pessoas. O dialogismo, enquanto constitutivo dos discursos, está presente nas relações entre os indivíduos nos seus processos discursivos e pode ser uma forma para o ser humano tomar consciência das relações existentes entre ele e o outro e de como estas interações influenciam na formação de sua individualidade e da coletividade.

De acordo com Brait (1997), o dialogismo, segundo Bakhtin, pretende tanto contribuir para que o ser humano possa perceber o caráter ideológico da linguagem/comunicação; aprender a conhecer e a refletir sobre esta peculiaridade do discurso, quanto, para ajudar o indivíduo a compreender o caráter tensivo, dialético, harmonioso e paradoxal da condição e das criações humanas, traduzidas e/ou manifestadas/apresentadas em seus discursos.

Este aprendizado contribui para que o indivíduo saiba posicionar-se e desenvolver sua individualidade, reconhecendo o quanto do outro existe nas suas representações, significações e em todo e qualquer discurso. O dialogismo promove a compreensão da importância da reflexão sobre estas relações “eu, outro” nos discursos do sujeito, da comunidade, da sociedade e de suas instituições.

Compreendo que a individuação ou a formação do sujeito consciente pressupõe o aprendizado e a prática do diálogo do ser humano com ele mesmo – com seu mundo interior. Sobre essa questão afirma Dahlet: “O ato de consciência, não pode ser produzido sem discurso interior [...] está de imediato inscrito numa relação dialógica e de avaliação social” (DAHLET 1997, pg. 265). Assim, o ato da consciência depende da relação dialógica do indivíduo com ele mesmo e com o contexto social em que vive, ou seja, depende da interação e da significação que o indivíduo estabelece com o mundo que o rodeia. Nesse processo dialógico, o indivíduo poderá perceber as polifonias inseridas em sua personalidade e as suas múltiplas “realidades”.

Esse processo dialógico, que considero como uma vivência de autoconhecimento pode promover uma reflexão e uma reorganização da relação do indivíduo com ele mesmo e com o outro, já que ele poderá perceber o quanto das representações do(s)outro(s) existe nele e na “realidade” que ele, egoisticamente, considerava exclusividade sua, ou seja, perceber o quanto cada ser humano é interligado, inter-relacionado e interdependente. Acredito que a reflexão e compreensão desse caráter de inter-relação e interdependência da condição humana, por parte dos educadores, poderão possibilitar a formação de seres humanos mais éticos, solidários e comprometidos com a construção de uma sociedade equânime.

Essa percepção e reconhecimento da interrelação, interdependência e co-participação dos processos sociais, culturais, históricos, podem possibilitar a compreensão da condição humana. Condição essa, que é percebida, também, através de vivências fenomenológicas de autoconhecimento; da percepção das influências que o ser humano sofre e exerce; da compreensão de suas estruturas mentais, psicológicas, emocionais, afetivas; da percepção e compreensão de que as semelhanças e as diferenças entre essas estruturas fazem parte, não só de um indivíduo em particular, mas das estruturas coletivas dos seres humanos.

Assim, a partir dessa compreensão e/ou autocomprensão, cada ser humano poderá exercer sua liberdade (sem prejudicar a liberdade do outro) de significar conscientemente a sua existência como ser uno e plural, individual e coletivo, através de contínuos questionamentos, reavaliações, reflexões e reconstruções de conceitos, atitudes, condutas visando contribuir para a construção de relações humanas mais interativas, afetivas, harmoniosas, dialógicas. Neste processo de autoconsciência, o ser humano aprende que os conflitos, as dualidades, as tensões e os jogos de interação fazem parte da condição humana e mesmo cósmica. Poderá perceber que é necessário aprender a lidar com o

caráter uno e dual da própria condição humana para ser capaz de com ela e nela poder construir tanto o seu desenvolvimento quanto o desenvolvimento de uma comunidade realmente humana.

Quanto a este processo de autoconsciência diz Bakhtin: “Na vida /.../ nós mesmos nos apreciamos, do ponto de vista dos outros, nos procuramos compreender os momentos transgredientes² de nossa própria consciência e levá-los em conta através do outro” (BAKHTIN, apud, DAHLET, 1997, pg. 67).

Segundo Bordas (2004), o dialogismo, entre outros conceitos de Bakhtin, foi considerado como revolucionário porque mostra tanto a necessidade do desenvolvimento da consciência crítica do ser humano, quanto a necessidade deste aprender a se posicionar diante das circunstâncias objetivas e subjetivas de forma consciente. O papel do dialogismo de capacitar o indivíduo para posicionar-se de forma consciente, faz dele uma “ciência do posicionamento”. Bordas, ressalta, também, que o dialogismo chama a atenção para uma realidade da condição humana desconsiderada por suas instituições e ideologias em vigor: a questão da alteridade, a questão do “eu e do nós” imbricadas/inter- relacionadas/ interdependentes nas construções/significações/vivências humanas. Nas palavras desse educador:

[...] O “eu” humano estará vinculado constitutivamente aos outros, e, na alteridade se realizará. Sua humanidade consistirá precisamente nessa indisociabilidade alterativa. [...] É um ser que se está apresentando cuja realização e significação somente é possível nas suas relações com os outros, ou se os outros se realizam também, ou, na medida em que os outros possam também devir. É um “eu” que é um “nós”, e é um “nós” que é um “eu”. (BORDAS, 2004, p. 9.).

Assim o caráter relacional da condição humana é irrevogável. Já dizia Aristóteles (1996) que o ser humano só desabrochará, de fato, se tiver relação com o outro. A alteridade, a necessidade da relação com o outro e também com a cultura, com a sociedade, com a natureza, com os signos e sentidos caracterizam a raça humana. A consciência desta característica básica faz-se urgente, principalmente na educação, para que o desenvolvimento humano reconheça/trabalhe/desenvolva o indivíduo de forma integral (corpo, mente, razão, sensibilidade, linguagem, eticidade, afetividade, espiritualidade...) e revitalize os valores humanos e/ou as virtudes arcaicas (amor/amizade, justiça, prudência/justa medida, conhecimento/sabedoria, respeito, solidariedade, coragem, busca do equilíbrio e da felicidade, transcendência, entre outras).

A necessidade de revigoramento e prática/vivência da ética, da consciência da inter-relação, da dialogicidade, da interdependência, da participação entre os seres humanos, consideradas como fundantes e radicais para as bases educacionais possibilitará a construção de relações humanas mais conscientes, virtuosas, cuidadosas e amorosas,

² Segundo Patrick Dahlet: “transgrediente qualifica na estética alemã componentes da consciência, ao mesmo tempo externos e necessários a sua completude, o que o outro interlocutor marca, na realidade, é uma fronteira não interna ao sujeito.

onde, a compreensão e o respeito pela diferença minimizam a separatividade e a exclusão. A transformação desta utopia em realidade poderá alicerçar a formação de nova sociedade onde as diversidades, as tensões, os conflitos individuais e coletivos visem à harmonização e ao real desenvolvimento humano.

Entretanto, essa transformação nas relações humanas requer comprometimento da educação e de suas práticas educativas com a postura ética, dialógica, inclusiva e virtuosa. Paralelamente ao compromisso com essa prática, faz-se necessário, a implantação/promoção de políticas educacionais que possibilitem vivências radicais do processo de autoconhecimento para que o ser humano (educador e educando) a partir da procura de si mesmo, como dizia Heráclito (1978), e da vivência do “Conhece-te a ti mesmo” do Templo de Delfos e imortalizado por Sócrates (1987), possa olhar, perceber, escutar, estudar, avaliar e compreender a si mesmo com sua historicidade social/cultural/educacional/religiosos/familiar/ideológica.

A partir e no decorrer deste processo de “Ser aprendiz de si mesmo”³, o aprendiz poderá perceber as semelhanças, as diferenças, as interações e as interdependências entre ele e os outros. Dessa forma, o aprendiz poderá verificar o “eu” e o “nós” nele mesmo, para que consiga, realmente, conscientizar-se da sua responsabilidade na construção e ou desconstrução das relações e, consequentemente, da condição de existência da humanidade.

Barros (1997), concordando com Bakhtin afirma que não só os estudiosos da educação e da linguagem, mas todas as ciências humanas deveriam reconhecer que a “vida é dialógica por natureza” e adotar o princípio da dialogia como método para melhor compreender as relações entre os seres humanos. Na fala da autora:

Deve-se observar em primeiro lugar que se a concepção de Bakhtin é dialógica, se a ciência humana tem método e objetos dialógicos, também suas idéias sobre o homem e a vida são marcadas pelo princípio dialógico. A alteridade define o ser humano, pois o outro é imprescindível para a sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro. (BARROS, 1997, pg. 30).

³ A partir de diálogos com alguns filósofos, educadores e pensadores organizacionais sobre suas perspectivas a cerca do desenvolvimento humano, embasada em vivências fenomenológicas do processo de autoconhecimento como: o “Procurei-me a mim mesmo” de Heráclito, o “Conhece-te ti mesmo” abraçado e divulgado por Sócrates, o processo de transmutação do “último homem” para “além homem” de Nietzsche, a descoberta e o direito de vivenciar a abundância da espacialidade interior permeada pela abundância da presença divida em nós enquanto “ser humano humano” de Soares. Considero que ‘ser aprendiz si mesmo’ implica abrir-se para aprender a Ser ser humano, para olhar-se, ouvir-se, questionar-se, investigar-se, compreender-se, amar-se, transformar-se... e perceber-se enquanto: ordem e desordem, pares e opostos na busca da harmonia, caos e estrela, velar e desvelar, desconhecido e conhecido, singular e plural, uno e múltiplo(...). Perceber-se em sua relação consigo, com o outro, com o mundo. Compreender o seu caráter de participante, co-responsável, interatuante e interdependente dos demais seres humanos, do cosmo e do divino. Ser aprendiz de si mesmo é, também, aprender dançando a(s) música(s) da vida, significando e responsabilizando-se por cada passo. É mergulhar ou surfar nas ondas das relações no e com o mundo. É aprender a segurar o mastro da nossa pequena embarcação na imensidão da existência humano/divina, tanto nos momentos que se apresentam com “calmaria”, quanto nos que se apresentam como “turbulência”. É aprender a aprender a viver, relacionando-se.

Cabe à ciência e principalmente à educação atentar para o caráter da alteridade e da intersubjetividade próprios da condição humana e incluir em seu currículo a prática do diálogo e da vivência do autoconhecimento como pilares da formação do ser humano integral, consciente de sua condição humana.

Para Freire (1996), a possibilidade do ser humano existir de forma mais justa, ética, solidária perpassa por uma transformação nas políticas educacionais e no agir educativo. Para ele a educação deve deixar de ser uma mera forma de repasse estático e formal de conhecimentos adquiridos. A crítica a essa educação de reprodução nas palavras desse educador: “Ela é verbosa. Palavresca. É ‘sonora’. É assistencializadora. Não comunica. Faz comunicados, coisas diferentes” (FREIRE, 1996, p. 101).

Na compreensão de Freire, essa educação tem a intenção de formar especialista e deve ser urgentemente repensada. A educação, dessa forma, deve assumir sua tarefa de educar, desenvolver a racionalidade, a criticidade, o espírito democrático do indivíduo, tornando-o sujeito responsável pelo seu existir (no mundo e com o mundo) e co-participante das formas de existir política, social e cultural de sua sociedade. Assim, para Freire, a principal transformação se faz na atitude, ou seja, a educação deve deixar de formar repetidores, para formar sujeitos participantes, criadores e ou re-criadores de si mesmo e da sua realidade.

Considero que o dialogismo e o diálogo têm um campo de ação transdisciplinar de fundamental importância para o desenvolvimento humano e para a educação. Como a educação representa uma das principais “armas/instrumentos” para que o ser humano possa aprender a desenvolver-se, a relacionar-se, a ser aprendiz de si mesmo e a reconhecer o caráter de inter-relação, interdependência, participação, co-responsabilidade, intersubjetividade e alteridade da condição humana; faz-se necessária uma política educacional que tenha consciência da importância dessa educação e que assuma um compromisso radical, ético e político com o desenvolvimento integral e transdisciplinar do ser humano. Penso que, com esse comprometimento a educação poderá contribuir para a formação de sujeitos, agentes de reconstrução, transformação de si mesmos e a coletividade.

Entretanto, reconheço que a nossa política educacional ainda não tomou consciência do valor do dialogismo e do diálogo, bem como, não valoriza as vivências do processo de autoconhecimento, para a formação de cidadãos. Por isso, a maioria dos educadores, principalmente do ensino fundamental, não tive a oportunidade de conhecer e refletir sobre esses temas e, consequentemente, não inclui o exercício do diálogo e as vivências do processo de autoconhecimento em suas vidas pessoais e em suas práticas pedagógicas.

Após essas breves reflexões ficam algumas questões (que são, também, objeto da minha pesquisa no doutorado): Como proporcionar aos educadores e futuros educadores reflexões sobre esses saberes, aqui considerados fundamentais, para o desenvolvimento humano? Como despertá-los para a importância da prática do diálogo? Como causar nos indivíduos o desejo de compreender a condição humana e de vivenciar o processo de autoconsciência? Como transformar essas reflexões em práxis?

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BARROS, Daiana L Pessoa. Contribuições de Bakhtin às teorias do Discurso. In. *BAKHTIN, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: UNICAMP, 1997;
- BORDAS. Miguel G Garcia. Estações dramáticas da construção do individuo comunitário e suas manifestações: O “eu” e o “Nós”. ANAIS, *AGERE: Revista de Educação e Cultura*, edição especial nº 7. Salvador, Bahia: Quarteto, 2004.
- BOHM, David. *Sobre el diálogo*. Barcelona, Espanha: Kairos, 1996.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: UNICAMP, 1997;
- DAHLET, Patrick. Dialogização enunciativa e paisagem do sujeito. In. BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: UNICAMP, 1997;
- DAHLET, Patrick. A entonação do dialogismo Bakhtiniano. In. BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: UNICAMP, 1997;
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. HERÁCLITO. *Pré-Socrático*. In. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- JAKOBSON, Roman, Prefácio. In. BAKHTIN, Mikael. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004;
- NIETZSCHE, *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. PLATÃO. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- SOARES, Noemi Salgado, Fragmentos de uma abordagem sobre alguns fundamentos pedagógicos da ação educacional transdisciplinar. *AGERE: Revista de Educação e Cultura*, Salvador, n. 5, p. 119-140, 2002a.
- SOARES, Noemi Salgado. A comunicação dialógica e o autoconhecimento para a tomada de consciência da espacialidade interior-emocional. In: *INBRAPE - Módulo Pós-Graduação*. Salvador, 2002b;
- SÓCRATES. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.